

22/5/1985

CAMPO

70 mil bóias-frias em greve

por Wanda Jorge

de São Paulo

Falhou a última tentativa do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, de conseguir um acordo entre cortadores de cana-de-açúcar e fornecedores e usineiros antes de recorrer a dissídio coletivo e interromper, assim, a greve que se expande pelo interior paulista. Em reunião extraordinária ontem na Delegacia Regional do Trabalho, convocada pelo delegado interino Walcídio de Castro Oliveira, após as negociações entre os setores terem-se fechado na segunda-feira, sem alcançar entendimento, as entidades patronais — Federação da Agricultura do estado de São Paulo (FAESP) e Sindicato do Açúcar e do Alcool — decidiram requer o dissídio coletivo.

Desde ontem, porém, várias cidades situadas na região de Ribeirão Preto, que responde por 50% da produção canavieira do Estado, encontravam-se com a colheita paralisada em virtude da greve decidida em assembléia da categoria na noite anterior. Vitor Jorge Fanta, diretor da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado de São Paulo (Fetaesp), afirmou que a paralisação abrangia ontem cerca de 70 mil trabalhadores, em Sertãozinho, Barrinha, Serrana e Santa Rosa de Viterbo (quase 100% de adesão) e mais Orlândia, Sales de Oliveira, Pitangueiras e Pontal, nas quais Vitor Fanta não sabia o percentual exato. Além das regiões canavieiras, pararam também os colhedores de café em Batatais, Barretos e Altinópolis; e os de laranja de Bebedouro (60% de paralisação) e há expectativa de trabalhadores de Matão a partir de hoje também interromperem a colheita.

Hans Georg Krauss, presidente da Associação das Indústrias de Sucos Cítricos (Abrasucos), disse à este jornal que a paralisação dos colhedores de laranja surpreendeu o setor. Segundo ele, estava marcada reunião para o dia 28 entre trabalhadores e as empreiteiras de mão-de-obra, ligadas às indústrias, e os contratos desta safra já tinham sido previamente reajustados com a correção do INPC de novembro até maio. Com isso, o preço da colheita por caixa de 28 quilos subiu de Cr\$ 246 para Cr\$ 465. Cada colhedor tem uma produção de sessenta caixas, o que, diz Krauss, lhe proporciona um salário próximo a Cr\$ 850 mil por mês.

A paralisação da colheita, além de "prejudicar o próprio colhedor, que deixa de ganhar", no entender de Krauss, poderá causar nos econômicos ao produtor que tem pomar de frutas precoces. A colheita de maio começa com tangerina e frutas de casca mole (ponkan e cravo), que caem facilmente do pé e são destinadas ao mercado interno. Diante da greve, a Abrasucos aceitou antecipar a reunião na DRT para quinta-feira, dia 23.

A questão de honra dos cortadores de cana, segundo o advogado dos usineiros, Márcio Maturano, é o pagamento por metro linear, e não por tonelada. Reivindicação, segundo ele, impossível de ser executada pelos patrões. Vitor Fanta, diretor da Fetaesp, afirma que os trabalhadores estão dispostos a negociar até fazer um acordo. Três sindicatos — Ourinhos, Xavantes e Santa Cruz do Rio Pardo — já fecharam isoladamente um acordo com os patrões, acentuando um preço por tonelada de Cr\$ 3.900, inferior ao oferecido pela FAESP nestas negociações.

Menezis Balbo, diretor-presidente da Balbo S.A. Agropecuária, considera que não foi a Fetaesp que detonou a greve no interior. A paralisação, segundo ele, teria fugido ao controle das lideranças, refletindo uma disputa política existentes no interior do movimento. Vitor Faita afirma que, dos quase 40 sindicatos de trabalhadores rurais das regiões canavieiras, a maioria segue a orientação da Fetaesp, existindo casos, porém, como os dos que já fecharam acordo, que atuam independentemente.

(Página 6)